

Só recentemente a leitura começou a ser objeto de investigações teóricas sistemáticas. A partir de pressupostos básicos, colhidos principalmente na Psicologia, Fenomenologia e Linguística, teorias em elaboração estão modificando a compreensão que se tinha da Literatura. Entendida como processo ativo de efetivação dos significados do texto, a leitura passa a fazer parte da história da obra. É dialógica a relação entre leitor e obra, na média em que aquele interfere no texto atualizando-lhe virtualidades latentes, mudando-lhe o horizonte de possibilidades significativas e esta atua sobre o leitor mobilizando-lhe os saberes, redefinindo-lhe valores e redimensionando-lhe o contexto cultural que o situa. Atividade histórico-hermenêutica, a leitura é assim uma experiência totalizadora, lugar privilegiado da prática interdisciplinar.

relação dialógica

Nenhum ato de leitura, no entanto, é capaz de exaurir as possibilidades significativas da obra literária, pois sendo a literatura supradisciplinar, não há interdisciplinaridade que dê conta de todas as suas dimensões. As ciências, como se sabe, recortam setorialmente os seus objetos, enquanto a literatura trabalha com uma modalidade de linguagem prévia à especialização dos saberes. Não havendo, por isso, meio de tornar os seus significados coextensivos aos conhecimentos científicos, o leitor defronta-se ainda com a rebeldia do texto literário à convenção, ao artifício, à ordem estabelecidas por lei ou por hábito. Atenta a esta agressividade inovadora, a leitura interdisciplinar não busca na ficção reflexos ou confirmações das descobertas sistematizadas no fragmentado campo dos conhecimentos científicos. Permanecendo sempre aberta a possibilidade de inter-relações novas, o que se lê no texto literário são antecipações, desdobramentos, inversões e contestações de “verdades” descobertas por outras linguagens.

rebeldia do texto

Num poema, conto ou romance, é sempre possível ler História, Psicologia, Filosofia, Política, Lógica etc. Mas este artigo propõe um caminho de leitura que, utilizando conceitos e métodos "científicos", afirma a soberania da Literatura. Utilizei ferramentas da Lógica para ler Lewis Carroll e Machado de Assis.

Lewis Carroll, geralmente conhecido como autor de livros para crianças (*Alice no País das Maravilhas*, *Através do Espelho*), era professor de Matemática e deixou escritos demolidores da lógica clássica (*O que a Tartaruga disse a Aquiles*, *Um Paradoxo Lógico*)¹. A respeito de Alice, o filósofo francês Gilles Deleuze escreveu substancioso ensaio de Lógica², onde desenvolve a idéia de que as aventuras de Alice têm como conseqüência a contestação da identidade.

À Lagarta que lhe pergunta quem é (Capítulo 5), Alice, depois de titubear, responde dizendo que ela não é ela e não sabe se explicar pois em tão pouco tempo passara por tantas transformações. As inversões e as metamorfoses, que constituem as aventuras de Alice, suscitam um mundo governado pelo princípio da incerteza e da instabilidade. Posta em xeque a identidade que, na lógica clássica, assenta sobre o repouso do mesmo, Alice vive o paradoxo de, a cada momento, ser outra. No diálogo com a Lagarta, para quem a metamorfose é natural e o ser não se repete (o poema que Alice recita de memória é radicalmente diferente do poema que Alice tem na memória; o círculo (cogumelo) tem lados diferentes), Carroll demole a lógica tautológica destruindo os seus fundamentos.

Na aventura seguinte, Alice conversa com a Pomba que, através de paralogismos (Freud diria delírios de referência)³, restaura o círculo da identidade. Ao identificar Alice com uma cobra porque ambas gostam de ovo, a Pomba revoga o diferente, pois basta um traço comum para fazer de duas coisas a mesma coisa. Ignorando os traços distintivos, a lógica da Pomba destrói a possibilidade da linguagem que, de acordo com a Lingüística, se articula através de feixes de traços distintivos. Se, no diálogo com a Lagarta, a identidade assentada no mesmo entra em crise, pelo raciocínio da Pomba, a identidade delira. Em ambos os casos, Lewis Carroll põe a lógica pelo avesso ao jogar Alice na correnteza ininterrupta do acontecer.

Deleuze conclui:

A incerteza pessoal não é uma dúvida exterior ao que se passa, mas uma estrutura objetiva do próprio acontecimento, enquanto esse caminha sempre e ao mesmo tempo em dois sentidos e divide o sujeito nesta dupla direção. O paradoxo é que de início destrói o bom senso como sentido único, para depois destruir o senso comum como compromisso de identidades fixas⁴.

Procurarei agora em *O Alienista* de Machado de Assis ler a lógica das transformações de um personagem que, renunciando à política pa-

ra se dedicar exclusivamente à ciência, de repente se vê no meio de um complicado jogo político. *política e ciência*

Logo no começo, o narrador apresenta de Simão Bacamarte, herói do conto, uma imagem de cientista puro. Ao recusar a proposta do rei que lhe oferecia posições de destaque na política do império, Bacamarte alega ser a ciência o seu único emprego. “Dito isto — prossegue o narrador — meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas”⁵.

Atacado da curiosidade fáustica, Simão Bacamarte observa, analisa, interpreta e testa cada uma de suas hipóteses, perseguindo obstinadamente a fórmula final de sua verdade. Não satisfeito com o conhecimento teórico, desenvolve práticas que desencadeiam no mundo observado reações políticas violentas. Separado da sociedade por um gélido círculo de prevenções racionalistas, paradoxalmente faz recair sobre ela as aplicações de suas hipóteses. Ante o fantasma da ameaça de internação na Casa Verde, Itaguaí inteira experimenta a tirania das idéias de Bacamarte. É assim que o herói, inicialmente desinteressado da política e somente interessado na ciência, vai mais e mais se complicando no enredo de conotação política. Ele que tinha renunciado às posições oferecidas pelo rei na capital do império, em nome da dedicação exclusiva à ciência, torna-se o alvo das disputas grosseiras pelo poder de uma vila perdida no interior de uma colônia remota. Por ironia, na lógica da narrativa, Simão Bacamarte transforma-se naquilo que racionalisticamente não quis ser. E tal reviravolta, que expõe o herói pelo seu avesso, se dá sem quebra da coerência interna do discurso ficcional. Pelo contrário, a imagem final do alienista, assumindo a radicalidade de sua loucura, está em acordo lógico com a premissa inicial da dedicação exclusiva a uma só causa. As vicissitudes do percurso são elos de uma cadeia única que inexoravelmente o conduzem à conclusão inevitável: o alienista é o único alienado de Itaguaí. Alegoricamente Itaguaí confirma sua condição de universo — campo de observação do analista que faz da Casa Verde o laboratório de experimentação de suas hipóteses. Parodiando rigorosamente as etapas do método científico, Machado de Assis desnuda o núcleo do paradoxo que é o ensandecimento da razão enclausurada nela mesma.

a tirania da ciência

A lógica de Simão Bacamarte, empenhado na demarcação de territorialidades conceituais — ele se exaure no afã de traçar fronteiras nítidas que separem razão de loucura — leva-o ao domínio excluído pela sua presunção de cientista puro. É que, entre as declarações de intenção e os efeitos da ação, há mais inversões de que pode desconfiar a gélida racionalidade. O absentismo político de Bacamarte, idealizado à distância do convívio social, esbarra na condição político-social do pesquisador e do objeto pesquisado. Tanto aquele quanto este, participando do mesmo universo, estão fadados ao compromisso da interação. Por isso, o mínimo gesto repercute no conjunto. Bacamarte

*a política invade
pelos fundos*

não poderá se pôr a salvo da maré montante dos protestos contra as suas experimentações, uma vez que estas revolvem o leito social. O tosco arremedo de tomada da Bastilha grotescamente encenado em Itaguaí pela revolta dos cangigas marchando contra a Casa Verde, onde impera absoluta o racionalismo do Dr. Simão Bacamarte, destrói qualquer possibilidade de neutralidade. Nesse universo a política, expulsa pela frente, invade pelos fundos.

A confrontação com os rebeldes no laboratório onde desenvolve as suas pesquisas, faz de Bacamarte personagem ambíguo que representa duplo papel no palco social. Por um lado, dedica-se ao seu objeto de estudo com o método e o rigor de um cientista. E por outro, faz da sociedade campo de aplicação de suas hipóteses, tornando-o uma ameaça social contra a qual se rebela a massa. *Double* de cientista e déspota, contagia de ambigüidade o lugar de sua atuação. A Casa Verde por ele idealizada como asilo de loucos e laboratório de verdades científicas, converte-se para os itaguaienses aterrorizados em símbolo de opressão.

Vislumbra-se por aí a abundância de virtualidades significativas do texto machadiano. Machado de Assis, ao fazer ficção, fez crítica social, política, histórica, antropológica etc., induzindo o leitor a interpretações forçosamente interdisciplinares. O discurso ficcional, desconhecendo as fronteiras que separam áreas de saber e fracionam o objeto do conhecimento, trabalha matrizes simbólicas que afetam o conjunto dos significados humanos. Simão Bacamarte é uma dessas matrizes que deita raízes nos labirintos da mente e se estende pelo estuário das correntes político-sociais. Exemplar brasileiro de uma linhagem de heróis fáusticos, o alienista de Machado sucumbe no final, vítima da armadilha por ele mesmo montada. Mais semelhante, sob esse aspecto, ao Fausto de Goethe rendendo-se à inexorabilidade das forças que desencadeou do que a um Galileu brechtiano, capaz de recuar dialeticamente na perspectiva de avanços futuros, o racionalismo ascético de Bacamarte não elide a fatalidade de sua conclusão: ele é o único louco em Itaguaí.

Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde. Em vão a mulher e os amigos lhe disseram que ficasse, que estava perfeitamente são e equilibrado: nem rogos nem sugestões nem lágrimas o detiveram um só instante. A questão é científica dizia ele; trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reúno em mim mesmo a teoria e a prática⁶.

suicídio da razão

Nesse suicídio da razão praticado com "convicção científica", Bacamarte não perde a razão, perde-se na razão. Na radicalidade da razão ensandecida, *O Alienista* é muito mais do que uma sátira a quaisquer teorias psiquiátricas ou a determinado método científico. A crítica machadiana é eficaz na medida em que, pondo a lógica pelo avesso, eleva o rigor da coerência a um expoente de absurdas conseqüências. Bom leitor de Pascal, Machado aprendeu a lição pascaliana do

renversement dos opostos⁷. É na plena vigência da lógica que a razão, revirada pelo avesso, mostra a sandice nela contida – “como a fruta dentro da casca”, para usar a metáfora machadiana que equaciona logicamente a metamorfose da Capitu menina na Capitu mulher, em *Dom Casmurro*.

A leitura interdisciplinar do texto literário deve estar atenta às subversões neste operadas, para não cair em reduções mecanicistas. Assim como *O Alienista* subverte a ordem lógica, *Esau e Jacó* bota a história pelo avesso. Mas para alcançar essa inversão é preciso deixar de ler os romances de Machado como documentos cujo sentido é direcionado pela História. Se, em vez de fazer da história o eixo fixo em torno do qual gravitariam os textos literários, se entendesse a literatura como versão alternativa capaz de fazer rodar os saberes históricos, então os romances de Machado abririam para os acontecimentos do século XIX brasileiro novo horizonte de significados. Em consequência, o evento Império passaria a ser lido como estrutura aberta que as interpretações não exaurem. De acordo com a perspectiva do *renversement* pascaliano, não se buscariam mais nas ficções machadianas confirmações de significados compendiados pela história e sim projeções dos seus avessos. A leitura ela mesma se faz história, pois, ao atualizar significados latentes no texto, participa da construção efetiva do texto, que se realiza no fluir ininterrupto das interpretações suscitadas ao longo do tempo⁸. Com *O Alienista*, Machado oferece versão alternativa às crônicas da Itaguaí colonial, abalando os fundamentos da sociedade fluminense/brasileira. A retórica e a lógica racionalista são criticamente demolidas em sua pretensão de sustentáculos legitimadores dessa sociedade. Muito antes de Tzara e das vanguardas iconoclastas do entreguerras, Machado, língua afiada de humor, atacava as bases da cultura burguesa usando com maestria as ferramentas que essa forjara. Está aí, por certo, uma boa razão da atualidade e inesgotabilidade dos seus escritos.

versão alternativa
à História

NOTAS

- (1) Lewis Carroll. *Aventuras de Alice no país das maravilhas. Através do espelho e o que Alice encontrou lá e outros textos*. Trad. e org. Sebastião Uchoa Leite. Rio, Fontana/Summus, 1977.
- (2) Gilles Deleuze. *Logique du Sens*. Paris. Éditions de Minuit. 1969
ibid. p. 11-12.
- (3) *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio, Imago, 1969, p. 305.
- (4) Op. cit. p. 11-12.
- (5) *Papéis Avulsos*. Rio, Jackson, 1937. pp. 9.
- (6) Ibi. p. 98.
- (7) George Slusser e George Guffey. “Literature and Science” in *Interrelations of Literature*. New York. The Modern Language Association of America, 1982. p. 183.
- (8) Of. Ilse N. Bulhof. “Imagination and Interpretation in History” in *Literature and History*. Lanham, university Press of America, 1983. pp. 3-25.